

ARTIGOS ORIGINAIS

UM NOVO ESTUDO DO CONTRÔLE DA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL (Cont.)

C. BENASSY e J. PELNARD

V — *Evolução do Caso em relação ao conselho*

Três grupos foram formados, tendo em vista a observância do conselho.

Grupo A: — inclui os casos cujos conselhos foram seguidos na íntegra.

Grupo B: — conselhos seguidos parcialmente. Uma parte deste grupo (pouco mais da metade), era formado por crianças que haviam escolhido aos 14 anos uma atividade profissional diversa da que lhes foi indicada após a orientação. A outra, por meninos que foram obrigados a ingressar em uma atividade diferente, porém, do mesmo tipo daquela que lhes havíamos sugerido.

Grupo C: — crianças que não seguiram o conselho. 7 casos obtiveram uma formação diversa da sugerida pelo Centro e 4 ingressaram em um campo que lhes foi desaconselhado por motivos psicológicos.

<i>N.º de casos</i>	<i>%</i>
52	46
54	44
11	10

Vejamos agora, o grau de atuação do orientador em cada um destes grupos (Vide dados mais pormenorizados no cap. anterior).

No grupo A:

- em 8 casos houve interferência decisiva do orientador, tanto na formação, como na escolha profissional.
- em 19 casos houve aprovação da escolha, mas interferência na parte da formação.
- em 20 casos houve aprovação integral do orientador.
- e em 5 casos foi aconselhada uma formação polivalente, isto é, de nível fraco.

No grupo B:

- em 15 casos houve interferência decisiva do orientador tanto na escolha, como na formação projetada pela família.
- em 27 casos o orientador aprovou a escolha mas interveio na parte da formação profissional.
- em 7 casos o orientador ratificou em toda extensão os planos familiares.
- e em 5 casos foi sugerida formação polivalente.

No grupo C, composto de 11 rapazes apenas:

- em 5 casos o orientador se opôs tanto aos planos profissionais, como aos de formação, apresentados pela família.
- em 3 casos interferiu apenas na parte da formação.
- em 2 casos reinterou os projetos da família.
- e em 2 casos considerou aconselhável uma formação polivalente.

Tomando por base a divisão em grupos apresentada acima, faremos uma análise das vidas destes jovens após a **Orientação Profissional**.

Em primeiro lugar estudaremos os casos "conselhos não seguidos", que por constituir um grupo pequeno não poderia ser colocado em paralelo com os dois outros. Acresce que sua limitação numérica exige uma prudência especial na análise dos resultados.

A seguir empreenderemos um estudo comparativo dos grupos A e B visando especialmente a parte profissional, formação, sucesso, ajustamento. etc.

1) — ASPECTOS DA EVOLUÇÃO DA VIDA DOS COMPONENTES DO GRUPO C:

Sob o ponto de vista do equilíbrio físico e mental, bem como, do ajustamento escolar e social, não existem diferenças significativas entre este grupo e os demais. As variações encontradas, após minuciosa análise, permanecem dentro de limites que nos impedem de aceitar uma

inferioridade de condições básicas nos jovens do grupo C. Todavia, não nos escapou o fato de tôdas essas diferenças — principalmente nos setores, nível intelectual, estrutura familiar, e rendimento escolar — variarem em um mesmo sentido, sendo impossível negligenciar a convergência das mesmas.

Observa-se por exemplo, neste grupo uma proporção ligeiramente mais alta de rapazes com o nível intelectual um pouco abaixo da média. Nos 11 que perfazem o grupo, 3 se achavam neste caso o que representaria 27% (17% - 18%). (1) Maior número de crianças cujo rendimento escolar era insatisfatório: dentre os 11, 4 eram maus alunos, ou seja, 36% do grupo (12% - 17%), e um número inferior de famílias normais, cuja porcentagem no grupo C foi de 63% (7 casos em 11), enquanto nos grupos A e B, de 75% e 72% respectivamente.

Porcentagens obtidas a partir dos critérios objetivos de julgamento:

— nenhum dos rapazes do grupo obteve o C. A. P.	0% (56% - 40%)
— 1 em 11 obteve outro tipo de formação	9% (15% - 10%)
— 4 em 11 fracassaram ou abandonaram seus cursos de formação profissional	36% (15% - 10%)
— 6 em 11 não tiveram formação profissional de espécie alguma	54% (13% - 26%)
— apenas 1 dentre os 11, chegou a obter um salário superior a 30.000 francos mensais	9% (62% - 47%)
— 3 em 11, foram vítimas de um acidente de trabalho pelo menos	37% (13% - 23%)
— 2 dentre os 11, tornaram-se operários qualificados ou técnicos	18% (60% - 52%)
— 3 em 11, se tornaram operários especializados	27% (10% - 16%)
— 4 em 1 foram classificados pelos patrões, como "assíduos" ao trabalho	45% (91% - 77%)

As porcentagens obtidas tomando por base o critério subjetivo foram as seguintes:

— 4, dentre os 11 rapazes do grupo, não se consideraram satisfeitos ou ajustados, as suas profissões	36% (10% - 21%)
— apenas 2 dentre eles encontravam satisfação em suas atividades profissionais	18% (63% - 53%)

Os resultados parecem-nos de tal modo significativos, que acreditamos ser inútil insistir sobre o risco que correm os responsáveis, ao não aceitarem as sugestões apresentadas no final da Orientação Profissional.

(1) As porcentagens entre parêntesis correspondem aos grupos A e B, respectivamente.

Acreditamos que neste grupo, bom número de conselhos não foram observados devido a falta de interesse dos pais. De 7 destes rapazes obtivemos informações, que mostravam claramente a atitude de negligência dos pais pelo futuro profissional dos filhos.

2) — ANÁLISE COMPARATIVA DA EVOLUÇÃO DOS CASOS DOS GRUPOS A E B

Nesta segunda parte, tentaremos, inicialmente, avaliar e relacionar as possibilidades dos grupos A e B, e a seguir comparar o grau de sucesso e ajustamento profissional de seus membros. Esta análise pareceu-nos de grande interesse, pois à base dos dados recolhidos, nos será possível fazer a apreciação objetiva da eficácia da Orientação Profissional. A validade de nossas conclusões iria depender em grande parte da semelhança entre as possibilidades básicas dos dois grupos. Realmente, pois se assim não fôsse, o maior sucesso ou ajustamento profissional do grupo A, por exemplo, não poderia ser atribuído apenas ao fato do conselho ter sido seguido na íntegra, pois a presença de outros elementos, como superioridade intelectual, maior equilíbrio emocional etc... poderiam também, ser considerados como causa. O mesmo sucederia, se por exemplo, a situação econômica e social dos rapazes do primeiro grupo, fôsse nitidamente superior a do outro, cujos componentes teriam assim, diminuídas as possibilidades de uma formação profissional mais avançada que aos primeiros.

Afortunadamente, nos foi possível pesquisar todos esses pontos, o que nos permitiu concluir que, quanto ao estado psíquico, ao nível escolar, à classe social da família, ao rendimento escolar, bem como, ao número de crianças na constelação familiar, — não havia diferenças de grande vulto entre os dois grupos.

Por outro lado as proporções se mostraram nitidamente diferentes na parte do interesse da família em relação ao nosso parecer sobre o futuro profissional da criança, no nível geral da inteligência e no número de situações familiares insatisfatórias.

Que influências teriam estas variáveis no ajustamento dos componentes do grupo?

A maior participação da família não apresenta uma ligação necessária com o sucesso profissional. Na verdade, no grupo A a porcentagem de casos de confirmação dos projetos apresentados pela família foi bastante superior a do grupo B. Entretanto, o que pudemos observar, é que o maior número de sucesso profissional não se encontra no grupo que recebeu confirmação integral dos projetos, e sim naquele em que o Orientador alterou a formação pretendida pelos familiares.

O nível intelectual pareceu-nos uma variável bastante importante e por isto mesmo, foi objeto especial de nossa análise.

Ainda que, a proporção dos rapazes de nível inferior à média não variasse muito, aquela dos indivíduos cujo nível ultrapassava à

média foi de 48% para o grupo A, e somente de 26% para o grupo B; mais ainda, se compararmos as percentagens em uma seleção mais forte (indivíduos que se collocam nos 2 primeiros deciles), encontraríamos 31% de indivíduos para o grupo A e 9% para o grupo B.

Assim sendo, a fim de avaliarmos a influência desta variável, primeiramente compararemos os grupos A e B, em seu conjunto, isto é, levando em conta todos os seus componentes. A seguir, a mesma coisa será feita com a exclusão dos elementos de dotação intelectual superior a média. A estes daremos as rubricas A' B', a fim de evitar qualquer confusão posterior.

A predominância de situações familiares anormais no grupo B foi também objeto de pesquisa. O número restrito de casos e, sobretudo, o fato desta variável gozar de pouca importância nos critérios objetivos de avaliação, levou-nos a considerar inútil, adotar medidas análogas àquelas usadas no caso anterior.

Também sob o aspecto emocional dos jovens, uma pequena diferença pôde ser constatada, ainda esta úez, desfavorável ao Grupo B, que revelou um equilíbrio mais precário. Entre seus componentes encontra-se, por exemplo, maior número de crianças que durante a escola primária apresentam problemas psicológicos.

Antes de finalizar este capítulo, gostaríamos de fazer uma breve referência a uma relação que nos pareceu bastante interessante, que é a existente entre a profissão do pai e sua atitude de aceitação e compreensão em face dos resultados finais. Pudemos observar, que esta atitude não está nem em um nem em outro grupo ligada a uma superioridade social. Pareceu-nos mais, um fator dependente do stado de espírito de certos grupos profissionais, do que decorrente de fatores de ordem econômica, social ou de qualquer outra espécie. A verdade é, que são mais frequentes os pais artesãos e operários qualificados no grupo A, enquanto que no B, há maior incidência de empregados, e pequenos funcionários ganhando pouco mais que o salário mínimo.

Essas foram as diferenças significativas existentes entre os dois grupos. A análise desses pontos pareceu-nos de suma importância, pois poderíamos ter, sem os levar em conta, conclusões alteradas ou deformadas, no final de nossos trabalhos.

Passaremos agora a análise do ajustamento profissional dos dois grupos que ora estamos estudando. Em posse de tais dados não nos será difícil avaliar o valor e os limites da Orientação Profissional.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL

	A	B	A'	B'
Sucesso no C. A. P.	56%	40%	51%	37%
Outras preparações e diplomas	15%	10%	13%	9%
Fracasso no C. A. P. ou desistência	15%	24%	16%	26%
Nenhuma preparação ou diploma profissional	13%	26%	19%	28%

Conclusões bastante interessantes podem ser extraídas destes dados. E' marcante, por exemplo, a preferência dos orientadores pela formação em escolas. Assim é, que existe uma porcentagem muito

superior de rapazes que prosseguiram os estudos, no grupo A. Outro fator que chama a atenção é a superioridade dos casos de fracassos e desistências dos estudos, no segundo grupo.

INSTABILIDADE NO EMPRÊGO. — ABSENTISMO. — DESADAPTAÇÃO PROFISSIONAL

A instabilidade profissional foi avaliada pelo número de empregos dos rapazes até a época d.e nossa pesquisa.

Foram as seguintes as porcentagens em cada grupo:

	A	B
— tiveram apenas um emprêgo	59%	42%
— tiveram dois empregos	18%	23%
— tiveram três ou mais emprêgos	22%	34%
— mudanças por instabilidade	8%	17%

Também no item referente a Desadaptação Profissional, o grupo B manifesta um ajustamento bem mais precário, comprovado por:

—um número superior de indivíduos insatisfeitos e desajustados profissionalmente (A: 18% — B: 25%)

— maior incidência de casos de isolamento (A: 11% — B: 18%); e um número menor de rapazes classificados como “gregários” (A: 36% — B: 22%)

— mais indivíduos manifestando insatisfações múltiplas, (quatro pelo menos) (A: 10% — B: 20%)

— número menor de rapazes que não manifestavam insatisfação alguma.

OPINIÃO DOS EMPREGADOS

O primeiro fator a destacar foi o de não haver no grupo A nenhum rapaz, que merecesse de seu empregador, a atribuição de “mediocre”. Enquanto, 91% dles foram classificados como “bom em geral”, apenas 77% do grupo B mereceram esta atribuição. Eliminadas as vantagens que poderia advir da superioridade intelectual, ainda assim o primeiro grupo destacou-se (A' 88% e B' 76%).

Quanto a apreciação do trabalho, sob o ponto de vista qualitativo, não se verificou grandes variações entre os dois grupos: 94% dos componentes do grupo A e 95% do grupo B foram considerados como possuindo “boa qualidade de trabalho”. E' na apreciação quantitativa que outra vez, se sobressai o grupo A, no qual 85% de seus componentes apresentam “boa quantidade de trabalho”. (grupo B — 76%).

Por fim, o julgamento global da “atitude frente ao trabalho”, atribui aos indivíduos do grupo A um comportamento superior, isto é, maior número de indivíduos classificados como “dinâmicos” (A: 43%; B: 35%) e um número inferior de “indolentes” (A: 13%; B: 25%)

FADIGA E ACIDENTES

A impressão subjetiva da fadiga causada pelo trabalho foi mais marcante nos indivíduos do grupo B.

	A	B
— não se sentem fatigados	37%	23%
— algumas vezes se sentem fatigados	55%	57%
— freqüentemente se sentem fatigados	8%	15%

E' devido a esta fadiga, provàvelmente, — pois que é preciso lembrar que não havia superioridade do grupo A sôbre o B no plano fisiológico, — que a percentagem de acidentes foi mais alta no segundo grupo (A = 13% e B = 23%).

CONCLUSÃO

Estas foram as conclusões mais significativas resultantes da atual pesquisa. No decurso de nossos trabalhos, procuramos adotar uma atitude tão crítica quanto possível em face dos dados recolhidos. Por isto mesmo, nossa exposição perdeu por vezes a clareza e simplicidade que seria de desejar, pois nosso intuito foi acima de tudo dar aos interessados uma idéia clara da maneira segundo a qual foi dirigida.

Os esforços despendidos não foram inúteis, pois, foi possível patentear a eficácia da Orientação Profissional. Nenhuma dúvida restou quanto o fato de que os rapazes que seguiram na íntegra a Orientação dada, não apenas tiveram maior satisfação pessoal em suas profissões, mas também obtiveram vantagens materiais, comprovadas pela superioridade de seus salários em relação aos demais grupos.

Que implicações poderiam estar contidas em tal conclusão? Teríamos provado com isto, que um a Orientação Profissional compulsória, implicando na observância total do conselho, garantiria o sucesso material e o ajustamento profissional de todos os indivíduos? Acreditamos, ou melhor estamos certos, que não.

Este ponto de vista pode parecer estranho e por isto mesmo pede uma explicação mais minuciosa. Os resultados que expusemos nesse trabalho e em outros anteriormente publicados nos levaram a concluir que existe um certo número de indivíduos que apresentam um síndrome de adaptação medíocre ou mau e que o fato de não seguirem o conselho recebido, pode ser considerado como um traço de personalidade do mesmo tipo, por exempl, que os traços: "não possuir amigos na escola primária", "invejar a sorte daqueles que possuem uma profissão diferente da sua", ou "desejar dispor de maiores meios para divertimentos", etc.

Dêste modo, acreditamos que, se por meios autoritários nos propuséssemos a obrigar a estes rapazes a seguirem a orientação, não iríamos melhorar em nada a situação dos mesmos.

O salutar, é ajudar o jovem a compreender suas próprias necessidades, auxiliando-o a procurar uma solução que o leve a encon-

trar-se, ou ao menos torná-lo capaz de aceitar as boas soluções que lhe são apresentadas. Mas para isto é necessário fazer com que a família participe do desenvolvimento vital do indivíduo, aceitando-o e compreendendo-o.

Tudo isto requer tempo e ação não apenas do orientador, mas de todos aqueles que contribuem para a educação e adaptação dos jovens.

Seria uma ingenuidade imaginar que os Serviços de Orientação Profissional, ainda que, dispondo de numeroso pessoal especializado, pudessem impedir desajustamentos e insatisfações neste setor, ou mesmo, que pudessem com sua ação, fornecer aos indivíduos meios de realizarem tôdas as suas possibilidades na vida profissional. (1).

(1) As partes relacionadas diretamente ao problema de Orientação Profissional na França, foram cortadas na tradução.